



APRESENTAÇÃO: DOSSIÊ “CINEMA E CIDADES”

INTRODUCTION: “CINEMA AND CITIES”

Marcos Antonio de Menezes¹

 <https://orcid.org/0000-0001-8472-8186>

 <http://lattes.cnpq.br/5906542748941462>

Alcides Freire Ramos²

 <https://orcid.org/0000-0002-6701-9123>

 <http://lattes.cnpq.br/4887520444879981>

Recebido em: 28 de dezembro de 2024.

Aprovado: 31 de dezembro de 2024.

 <http://doi.org/10.46401/ardh.2024.v16.22903>

O dossiê “Cinema e Cidades”, organizado pelo Prof. Dr. Marcos Antônio de Menezes (UFJ; UFG), em conjunto com o Prof. Dr. Alcides Freire Ramos (UFU; UFMS), constitui-se como uma contribuição fundamental para os estudos que exploram a multifacetada relação entre o cinema e o espaço urbano. Desde sua invenção no final do século XIX, em Paris, o cinema tem mantido uma conexão profunda com as cidades, não apenas como cenário, mas como elemento ativo na construção de narrativas, significados e representações. O primeiro filme

1 Possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (1996), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP Franca (1999) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2004). Estágio Pós-doutoral pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2016). É professor titular da Universidade Federal de Jataí (UFJ), atuando no Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, desde 2005. E-mail: pitymenezes.ufg@gmail.com

2 Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1986) e doutorado em História pela Universidade de São Paulo (1996). Atualmente, faz parte do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da UFMS (Campus de Aquidauana) como Professor Voluntário. Professor Titular (aposentado) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista Produtividade do CNPq - Nível 1D. E-mail: alcides.f.ramos@gmail.com

publicamente divulgado, *A Chegada do Trem à Estação*, dos irmãos Lumière (cuja exibição ocorreu no dia 6 de janeiro de 1896), já anunciava essa relação simbiótica, ao capturar o movimento frenético da vida urbana e transportá-lo para a tela, deslumbrando espectadores e inaugurando uma nova forma de ver e pensar as cidades.

A partir desse marco inicial, as cidades tornaram-se um dos temas mais recorrentes e fascinantes do cinema. Elas não são meros pano de fundo, mas personagens dinâmicas que refletem as transformações sociais, políticas e culturais de cada época. Filmes como *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang, e *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, exemplificam como o cinema pode transformar a cidade em uma entidade viva, carregada de simbolismos e projeções utópicas ou distópicas. Essas obras não apenas retratam o espaço urbano, mas também o reinventam, criando imagens que dialogam com as aspirações, medos e contradições das sociedades que as produzem.

O objetivo deste dossiê é justamente explorar essas relações múltiplas e desafiadoras entre cinema e cidade, reunindo textos que não apenas discutem a representação do espaço urbano nas telas, mas também propõem reflexões sobre a contemporaneidade, marcada pela vida em metrópoles saturadas de imagens e significados. Em um mundo onde o urbano se torna cada vez mais fragmentado e multifacetado, o cinema emerge como uma ferramenta poderosa para decifrar e interpretar as dinâmicas das cidades modernas. Os artigos que compõem o dossiê abordam essa temática a partir de perspectivas diversas, oferecendo um panorama rico e abrangente sobre o tema.

Nesse sentido, o artigo “Cidade-Cinema: Análise de uma Interação a partir de uma Experimentação Conceitual”, de José Costa D’Assunção Barros propõe uma reflexão teórica, complexa e bem urdida, sobre as cidades-cinema, definidas como aquelas idealizadas pelo cinema a partir de produções específicas. O autor argumenta que, mesmo quando as cidades retratadas são fictícias, elas carregam consigo os medos, angústias, esperanças e demandas da sociedade que as concebeu. Barros desdobra o conceito de cidade-cinema em quatro categorias: cidade-local, cidade-lugar, cidade-território e cidade-personagem.

A cidade-local refere-se ao espaço físico onde a narrativa se desenrola, enquanto a cidade-lugar enfatiza a dimensão simbólica e afetiva do espaço urbano. Já a cidade-território explora as relações de poder e controle que se estabelecem no espaço urbano, e a cidade-personagem atribui à cidade um papel

ativo na narrativa, transformando-a em uma entidade com vida própria. Essa categorização permite uma análise mais profunda das representações urbanas no cinema, destacando como as cidades são construídas e reconstruídas nas telas.

Por outro lado, em “Olhares Cinematográficos sobre a Revolução dos Cravos”, Róbson Pereira da Silva, Grace Campos Costa e Lays da Cruz Capelozi, de forma cuidadosa e competente, analisam como esse marco histórico em Portugal foi retratado no cinema. O artigo examina três obras: os documentários *Torre Bela* (Thomas Harlan, 1977) e *As Armas do Povo* (Glauber Rocha, 1975), ambos realizados durante a revolução, e o filme de ficção *Non, ou a Vã Glória de Mandar* (Manoel de Oliveira, 1990). Os autores refletem sobre a construção da identidade nacional portuguesa, dialogando com teóricos como Hannah Arendt, Xavier, Junqueira e Ramos. O artigo destaca como o cinema pode ser um instrumento poderoso para a reconstrução e reinterpretação da história, capturando não apenas os eventos, mas também os sentimentos e as contradições que os permeiam. Ao retratar a Revolução dos Cravos, esses filmes oferecem uma visão multifacetada do processo político e social que transformou Portugal, revelando as tensões entre o ideal revolucionário e a realidade concreta.

Já no caso do artigo de Felipe Biguinatti Carias “Política entre as Mulheres e a Construção do Espaço Público em *Garotas do ABC* (2003), de Carlos Reichenbach», o leitor encontrará uma notável e instigante análise fílmica que procura demonstrar como a obra retrata o ressentimento da classe média brasileira após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002. O autor examina o filme à luz do conceito de esfera pública de Hannah Arendt e Roberto DaMatta, bem como da teoria do ressentimento de Maria Rita Kehl. O artigo destaca como o cinema pode ser um espaço de reflexão sobre as dinâmicas políticas e sociais, revelando as tensões e contradições que permeiam a vida pública. Ao retratar a classe média brasileira em um momento de transição política, *Garotas do ABC* oferece uma visão crítica sobre as transformações que marcaram o país no início do século XXI.

Outra contribuição digna de ser lida é aquela oferecida por Maurício Caleiro, em “As Cidades no Neorrealismo Italiano: Resignificações do Espaço Urbano”. Nesse artigo, o autor investiga, com esmero, a representação das cidades em três filmes clássicos do neorrealismo italiano. Combinando análise fílmica, teoria histórica do cinema e o conceito bakhtiniano de cronotopia, o autor examina o papel e os significados atribuídos ao espaço urbano. O autor destaca ainda

como o neorealismo italiano transformou a cidade em um espaço de resistência e luta, refletindo as dificuldades e esperanças do povo italiano no pós-guerra. Ao retratar as cidades como espaços vivos e dinâmicos, esses filmes oferecem uma visão profundamente humana do urbano, destacando suas contradições e potencialidades.

À semelhança dos demais, o artigo de Aline Carrijo e Carolinne Mendes da Silva intitulado “Os Heróis Anônimos na Construção da Capital Federal: Uma Análise de *Brasília Segundo Feldman* (Vladimir Carvalho, 1979)», faz uma análise cuidadosa de obra cinematográfica relevante, discutindo a representação dos trabalhadores que construíram Brasília. O filme contrapõe a narrativa oficial da cidade às experiências dos operários, destacando suas contribuições e desafios. O artigo também destaca como o cinema pode ser um instrumento de denúncia e resistência, revelando as histórias silenciadas e marginalizadas. Ao retratar os trabalhadores que construíram Brasília, a obra de Vladimir Carvalho oferece uma visão crítica sobre o processo de modernização do país, destacando as contradições e desigualdades que o permeiam.

Em meio a essas reflexões, faz jus a uma leitura atenta o artigo de Roberto Abdala Junior “*Meia-Noite em Paris, um Filme para a História*”. Nele, o autor, de maneira criativa, analisa o filme de Woody Allen sob a perspectiva da didática da história, discutindo como essa obra cinematográfica suscita reflexões sobre as representações do passado, tanto em sala de aula quanto em pesquisas acadêmicas. O artigo destaca como o cinema pode ser um instrumento poderoso para o ensino e a pesquisa histórica, podendo oferecer uma visão crítica do passado. Ao retratar a “Cidade Luz” em diferentes épocas, *Meia-Noite em Paris* convida o espectador a refletir sobre as relações entre história, memória e identidade.

Com igual cuidado e atenção, Kassandra Naely Rodrigues dos Santos e Milena Hoffmann Kunrath, em “Um Estudo sobre o Naturalismo em *Thérèse Raquin*, de Émile Zola, e sua Transposição Midiática Contemporânea para a Adaptação *Em Segredo*”, analisam, em detalhes, as semelhanças e diferenças entre o romance naturalista de Zola e sua adaptação cinematográfica, com base em teorias de intermedialidade e adaptação. O artigo destaca como o cinema pode reinterpretar e reinventar obras literárias, adicionando novas camadas de significado e transcribando o texto original. Ao adaptar *Thérèse Raquin* para as telas, *Em Segredo* oferece uma visão contemporânea do naturalismo, destacando

suas permanências e transformações.

Explorando obra cinematográfica complexa, Rafael Alves Pinto Junior, em “Jean-Luc Godard e o Controle do Presente: *Alphaville, une étrange aventure de Lemmy Caution* (1965)», propõe uma percuciente leitura do filme de Godard, focando na representação do espaço urbano e na arquitetura como elementos estruturantes da narrativa, utilizando referências da cultura visual e do imaginário. O artigo destaca como o cinema pode ser um espaço de reflexão sobre as dinâmicas de poder e controle que permeiam a vida urbana. Ao retratar *Alphaville* como uma cidade distópica, Godard oferece uma visão crítica sobre as transformações tecnológicas e sociais do século XX.

Por fim, também merecedoras de um olhar atento são as considerações de Marcos Antônio de Menezes. Em “Utopias e Distopias Urbanas nas Telas do Cinema: *Metrópolis* e *Blade Runner*”, o autor reflete sobre como o cinema projeta visões do futuro humano por meio de representações utópicas e distópicas das metrópoles contemporâneas, contribuindo para a compreensão das propostas de habitar e viver nas cidades do porvir. O artigo destaca como o cinema pode ser um espaço de projeção e reflexão sobre o futuro, revelando as aspirações e medos das sociedades que o produzem. Ao retratar cidades utópicas e distópicas, *Metrópolis* e *Blade Runner* oferecem uma visão crítica sobre as dinâmicas urbanas e suas implicações para a vida humana.

Como se vê, o dossiê “Cinema e Cidades” coloca em evidencia a riqueza e a complexidade das relações entre o cinema e o espaço urbano, demonstrando como as imagens fílmicas não apenas refletem, mas também moldam nossa compreensão das cidades. Ao explorar diferentes contextos históricos, estéticos e políticos, os artigos aqui reunidos mostram que as cidades são mais do que simples cenários; elas são espaços simbólicos, territórios de memória e protagonistas de narrativas visuais, que revelam as complexas dinâmicas da vida contemporânea. Assim, o cinema se consolida como um poderoso meio de análise e reflexão sobre o urbano, suas utopias, distopias e a permanente reinvenção do espaço público.